

## DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NA PANDEMIA: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO EM ATIVIDADES DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Ana Karla Claudino Duarte <sup>1</sup>  
Graziela Ribeiro Lopes <sup>2</sup>  
Thatiane da Mota Nunes <sup>3</sup>  
Ana Cláudia Claudino Duarte <sup>4</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa baseada em um relato de experiência com o ensino remoto na disciplina de Física, iniciada em abril de 2021 e ainda em andamento. A pesquisa partiu dos seguintes questionamentos: quais desafios estão sendo encontrados nessa modalidade de ensino? Quais estratégias estão sendo utilizadas para combater esses desafios? Teve como objetivo, pois, refletir sobre a prática docente na pandemia do COVID-19, conhecer as barreiras estabelecidas entre docentes e discentes e analisar as estratégias utilizadas para aumentar a participação dos discentes nas aulas síncronas de Física. Para isto, foi realizada uma análise da experiência vivida por bolsistas do Programa Residência Pedagógica numa escola pública da rede estadual da Paraíba durante o isolamento social. Repensando a sala de aula para o ensino remoto, a escola da rede pública estadual passou a utilizar plataformas digitais de comunicação como o *Google meet* e o *google classroom*, além do *WhatsApp* e outros veículos de compartilhamento de informações na *internet*. Diante da análise das observações das atividades, concluímos que é necessário repensar as práticas de ensino para não só superar antigos problemas, como para enfrentar os desafios que surgirão após o final do sistema de ensino remoto emergencial.

**Palavras-chave:** Ensino Remoto, Pandemia, Educação.

### INTRODUÇÃO

O Brasil, atualmente, enfrenta uma realidade atípica provocada pela pandemia da COVID-19, infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [anakarlaclaudinod@gmail.com](mailto:anakarlaclaudinod@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [grazielaribeirolopes@gmail.com](mailto:grazielaribeirolopes@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [nunesthatiane8@gmail.com](mailto:nunesthatiane8@gmail.com);

<sup>4</sup> Graduada pelo Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, pós-graduanda pela FAVENI, [letrasana701@gmail.com](mailto:letrasana701@gmail.com);

é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos (BRASIL, 2021). O termo “pandemia” deriva do prefixo neutro pan e de demos, do grego “todo o povo”. Esse conceito passou por um processo de ressignificação, diante das crises sanitárias ocorridas ao longo do tempo e agora é designado como uma epidemia de grandes dimensões (REZENDE, 1998).

Desse modo, todos os setores sociais foram impactados por essa pandemia. Buscando falar sobre a educação, em específico, percebemos as mudanças bruscas enfrentadas tanto pelos profissionais quanto pelos alunos diante da situação, pois ambos tiveram seu espaço pessoal invadido pelos assuntos escolares. Coisas antes destinadas ao lazer, recorda Paludo (2020), passaram a ser instrumento de ensino-aprendizagem, a exemplo das redes sociais, em que *lives* são promovidas a fim de realizar aulas, e do *WhatsApp*, antes pouco recomendável para conversas docente-discente.

Por um lado, o uso dessas tecnologias foi o que permitiu que as redes de ensino prosseguissem em atividade, reinventando-se com o intuito de garantir a melhor qualidade de ensino possível num regime emergencial. No entanto, a outra face dessa realidade é o rompimento da linha entre ambiente doméstico e, portanto, de descanso, e ambiente de trabalho. Diante disso, buscamos, no presente trabalho, refletir sobre a prática docente na pandemia do COVID-19, bem como conhecer as barreiras estabelecidas entre docentes e discentes e analisar as estratégias utilizadas para aumentar a participação dos discentes nas aulas síncronas de Física.

Desse modo, este artigo surgiu da necessidade da documentação de um período singular vivenciado pela educação, por meio de um relato de experiência escrito pela perspectiva de bolsistas do Programa Residência Pedagógica - Física, da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras, considerando os desafios que a educação vem sofrendo, durante a pandemia da COVID-19.

O método de pesquisa empregado neste trabalho caracteriza-se como exploratório com caráter qualitativo, partindo de critérios preestabelecidos para a análise das observações. Por esse viés, o instrumento de coleta de dados adotado foi a observação sistemática, associada, enfatize-se, à literatura sobre o assunto.

No segundo módulo do Programa Residência Pedagógica observamos e participamos das aulas e atividades associadas à escola. As aulas eram assíncronas e síncronas, por determinação do isolamento social no Estado. Essas aulas eram realizadas através das plataformas *Google Meet* e *Google Classroom*. Outras

plataformas, como o *WhatsApp*, eram utilizadas, também, com a finalidade de informar e enviar os *links* de acessos às atividades *online*.

Percebemos que o ensino *online* permitiu que as atividades escolares continuassem em andamento, porém, essa mudança brusca na modalidade de ensino enfatizou problemas que já existiam desde o ensino presencial, como a deficiência de formação continuada, em especial o uso de TDICs.

Portanto, este trabalho se faz necessário para que políticas que visem contornar as dificuldades encontradas nos espaços educacionais sejam implementadas com sucesso, uma vez que é preciso sua antecipação por meio de investigações que descrevam essas experiências.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho trata-se como um relato de experiência de uma pesquisa em desenvolvimento, em que são abordados os resultados da parte inicial do estudo, iniciado em abril de 2021. O estudo está sendo desenvolvido por estudantes do curso de Física, bolsistas do Programa Residência Pedagógica (PRP), subprojeto de Física da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cajazeiras (UFCG/CFP).

A metodologia adotada neste trabalho configura-se como uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, realizada com base na observação de 10 turmas de ensino médio, as quais somam 200 alunos, de uma escola da rede estadual de ensino localizada na cidade de Cajazeiras/PB. Logo, estão sendo observadas as práticas docentes utilizadas durante o ensino remoto e seus impactos, positivos ou negativos, sobre o público discente e, conseqüentemente, sobre sua aprendizagem.

A escolha pela pesquisa de caráter exploratório se deu pela possibilidade de conhecer e aperfeiçoar as percepções acerca do problema estudado (GIL, 2010). Além disso, a pesquisa possui uma abordagem qualitativa, pois há um interesse maior no processo e seus significados do que nos próprios resultados que o estudo proporciona (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Desta maneira, o principal procedimento de coleta de dados utilizado nesse estudo foi a observação sistemática. De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 190):

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não

consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar.

Dados nossos objetivos, quais sejam os de refletir sobre a prática docente na pandemia do COVID-19, bem como conhecer as barreiras estabelecidas entre docentes e discentes e analisar as estratégias utilizadas para aumentar a participação dos discentes nas aulas síncronas de Física, elaboramos critérios de análise, a fim de melhor nortearmos nosso olhar. Assim, os critérios adotados foram 1. a participação dos alunos durante a aula; 2. a metodologia do professor (as ferramentas que ele adota em sua aula); e 3. circulação de informações entre Escola-Professor-Alunos durante o ensino remoto emergencial.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A pandemia do coronavírus nos impôs um regime de adaptações contínuas; seja no lar ou em ambientes públicos, como a escola. As mudanças afetivas e profissionais que ocorreram, rapidamente, lançaram-nos em um período caótico, que gerou uma busca por soluções que nos fizessem ressignificar a realidade. A escola, como um dos setores mais afetados pela quarentena, passou por uma situação conturbada, pois, conforme apontam Trindade, Henriques e Correia (2020, p. 4),

as circunstâncias excepcionais que esta pandemia provocou colocaram à prova os sistemas educativos no mundo inteiro que, de um momento para o outro, tiveram a necessidade de converter todo o processo educativo de forma a procurar que milhões de estudantes continuassem os seus processos formativos, mesmo confinados aos seus domicílios.

Desse modo, da necessidade de adaptar um sistema pautado sobretudo em aulas tradicionalistas e presenciais ao “novo normal”, situação inicialmente vista como algo sem solução, emergiu um novo formato de aulas, o remoto. Tal medida foi possibilitada graças à difusão que os aparatos tecnológicos possuem na sociedade brasileira moderna, ainda que, não obstante, tenha vindo a revelar o despreparo de docentes e discentes quanto ao uso dessas ferramentas - o que contraria documentos como a LDB, Art. 214, que, dentre outros aspectos, fundamenta a promoção da educação tecnológica do País (BRASIL, 2005) e encontra apoio na BNCC (BRASIL, 2018) que considera a utilização

de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) como uma das competências gerais da educação básica.

A despeito disso, o sistema de ensino remoto emergencial, no Brasil, surgiu como uma alternativa para que a formação de milhares de estudantes não fosse completamente estagnada, fazendo uso da tecnologia disponível. Deste modo, os governos estaduais assumiram algumas estratégias de ensino. Como sintetiza Paludo (2020, p. 29):

[...] as estratégias de ensino das secretarias que optaram pela continuidade das aulas são: aulas on-line ao vivo ou gravadas (vídeo-aulas) transmitidas via TV aberta, rádio, redes sociais (Facebook, Instagram, Whatsapp, Youtube), páginas/portais eletrônicos das secretarias de educação, ambientes virtuais de aprendizagem ou plataformas digitais/on-line, como o Google Classroom e o Google Meet, além de aplicativos; disponibilização de materiais digitais e atividades variadas em redes.

Favoreceu-se, assim, a continuidade das atividades escolares mesmo que de forma improvisada. Porém, nem todos os estudantes possuem condições financeiras que lhes forneçam o básico para o acompanhamento de aulas remotas: internet, aparelhos eletrônicos e ambientes adequados. Então, foram pensadas alternativas que buscassem atender ao público mais carente: materiais de estudo impressos e aulas transmitidas por TV e rádio (PALUDO, 2020).

Para além dos equipamentos e pacotes de internet, outro ponto a se destacar é a falta de participação assídua nas atividades remotas e, com isso, o aproveitamento dos estudos. Sabemos, como aponta Paludo (2020), que o espaço escolar e o privado uniram-se a um só, seja nas redes sociais de comunicação, nos ambientes domésticos e nos horários individuais. Essa mescla de espaços, entretanto, não foi totalmente benéfica. Miranda *et al.* (2020), por exemplo, apresentam uma pesquisa que inclui a percepção dos alunos com a sua aprendizagem dentro do novo sistema de ensino e revelam a sua insatisfação, cujas principais razões são a falta de estímulo e de um ambiente adequado de estudos dentro de casa. Desse modo, como resultado, as autoras apontam “uma maior dificuldade de compreensão e assimilação dos conteúdos, além da deficiência de explicação dos assuntos, bem como, ausência de um planejamento e organização dos horários de estudos” (MIRANDA *et al.*, 2020, p. 7).

Os professores, por sua vez, passaram a trabalhar em suas casas e a despender mais tempo para a realização do seu trabalho; sem acréscimo salarial, cabe destacar.

Ainda conforme Miranda *et al.* (2020), a atual modalidade de ensino reforçou problemáticas antigas e apresentou novas, sendo elas: “o desinteresse dos alunos, falta de equipamentos e de apoio dos pais e das instituições de ensino, dentre outros”.

Entendemos que a maioria dos docentes não possui formação continuada ou apoio financeiro para trabalhar de forma remota, mas, com intuito de amenizar algumas carências e cumprir com demandas, desenvolveram algumas estratégias criativas que contribuem com o desenvolvimento de atividades remotas (MIRANDA *et al.* 2020). Desse modo, evidencia-se que, mesmo com dificuldades, há meios de realizar um trabalho profícuo no contexto educativo atual, mas que este obteria melhores resultados caso houvesse maior incentivo e apoio ao setor no país.

Junto à falta de formação dos profissionais da educação, na modalidade de ensino *online*, outra dificuldade a ser pontuada com atenção é a metodologia de ensino utilizada por meio das tecnologias digitais. Como apontam Moreira, Henriques e Barros (2020), essa preocupação surge das práticas de ensino pautadas na transmissão de conteúdo. Os autores ainda reforçam que é necessário pensar em um ensino *online* de qualidade com práticas metodológicas construtivistas que promovam a participação e colaboração dos alunos dentro dos ambientes virtuais de ensino, pois, como disse Freire (2002, p.12), “[...] ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção”.

Dessa forma, como aponta Monteiro (2020), fez-se necessário reinventar as estratégias educacionais dentro das orientações dos estados e municípios, porém essas medidas urgentes acometeram esses novos problemas no que tange às metodologias de ensino, os espaços de trabalho, a relação professor-aluno e a qualidade do ensino-aprendizagem. Tendo isso em vista, e imersas nesse contexto, é que tecemos as observações que seguem acerca da práxis educativa nas aulas observadas durante o Programa Residência Pedagógica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O segundo módulo do programa Residência Pedagógica, subprojeto Física, que se iniciou no mês de abril, está sendo desenvolvido de forma remota numa escola da rede estadual de ensino localizada no Centro da cidade de Cajazeiras no estado da Paraíba. Vale ressaltar que não houve visitas dos bolsistas à escola durante a vigência

do programa, até o momento. Todas as interações ocorreram com o professor de Física e os discentes da escola de forma virtual, não havendo o contato com outros membros da equipe escolar, como a diretora, por exemplo.

Inicialmente, quando o programa se juntou à instituição, as aulas de Física ocorriam, apenas, de forma assíncrona; todas as atividades eram realizadas através da ferramenta *Google Classroom* e do aplicativo *Whatsapp*, principalmente. No entanto, após período necessário para adaptação da escola ao sistema emergencial remoto de ensino, adotou-se um novo formato que inclui aulas síncronas.

As turmas associadas ao desenvolvimento do estudo são todas do terceiro ano do Ensino Médio, com uma quantidade de 200 estudantes, distribuídos em turmas indo das letras do alfabeto romano do “A” ao “I”. Essas turmas de estudantes foram organizadas em grupo de *Whatsapp*. A administração desses grupos é feita pelos professores das turmas, que têm como objetivo a comunicação entre docentes e discentes. Eles servem como murais onde são anunciadas as atividades, os comunicados e as orientações para efetivação das atividades que devem ser realizadas pelos discentes no *Google Classroom*.

Os residentes, bolsistas e voluntários foram inseridos nos grupos do *Whatsapp* das turmas que o professor leciona, para que pudessem acompanhar o desenvolvimento da disciplina. Cada residente ficou responsável por uma turma; fazer lembretes e divulgar informações relacionadas às atividades que desenvolveram para a turma, dentre outros.

As aulas, por sua vez, passaram a ser desenvolvidas de forma síncrona e assíncrona, através das ferramentas *Google Meet* ou *Google Classroom*, e chegam aos estudantes através de *links* nos grupos, já mencionados, de cada turma. As formas síncrona e assíncrona acontecem alternadamente nos dias em que há aulas da disciplina de Física na escola, as quais ocorrem uma vez por semana. Durante as aulas síncronas, podemos perceber a baixa participação dos estudantes, quanto ao número de ingressos no *Google Meet* e a interação durante o desenvolvimento das aulas.

Durante as observações das aulas síncronas, pudemos analisar, ainda, a relação entre professor-aluno das turmas anteriormente mencionadas, quanto à participação e à relação estabelecida. Os discentes que entravam na sala, em sua maioria, permaneciam em silêncio; com câmeras e microfones desligados. A maior parte das interações

ocorriam através do *chat* que servia, principalmente, para a realização da “chamada”; uma lista de presença aplicada próxima ao fim da aula.

As discussões sobre os assuntos trabalhados eram mínimas, diante da metodologia escolhida para as aulas, pautadas na transmissão de conteúdos, embora houvesse uma tendência a associar os conceitos à vivência dos alunos. Como o diálogo era raro, o professor não recebia devolutivas dos discentes: dúvidas, apontamentos ou expressões faciais que indicassem envolvimento.

Entre as atividades escolhidas para as aulas, plataformas de jogos, como o *Kahoot*, eram acessadas externamente e simultaneamente à aula síncrona, com o intuito de promover a conexão e a interação de todos os alunos que se faziam presentes. Contudo, a participação na atividade, sendo obrigatória, levava os alunos a responderem para haver o registro na aula, isto é, a interação não era autêntica ou ativa, mas meramente mecânica.

Em agravio da situação, como já mencionado, todas as orientações sobre as atividades síncronas e assíncronas, planejadas pelos docentes, chegam aos estudantes por meio dos grupos do *Whatsapp*. No entanto, os alunos só recebem essas informações no dia da atividade, o que pode contribuir com o aumento da desorientação dos discentes, e, com isso, o decréscimo na participação se acentua durante as atividades. Tal situação ecoa, portanto, aquilo que Moreira, Henriques e Barros (2020) apresentaram em sua pesquisa, o que demonstra não se tratar de um caso isolado, mas de uma realidade que precisa ser revista, ainda que voltemos ao modelo presencial de ensino, haja vista que dificilmente este será tal qual anteriormente ao isolamento social ou se verá desvinculado das TDICs - pois, como discutido, estas já deveriam ter sido incorporadas há muito ao ensino e não somente agora em razão de uma emergência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os critérios observados, concluímos que o ensino remoto trouxe novos desafios para a Educação. Percebemos que o ensino *online* permitiu que as atividades escolares continuassem em andamento, porém essa mudança brusca na modalidade de ensino enfatizou problemas que já existiam desde o ensino presencial, como a deficiência na formação continuada, em especial o uso de TDICs. Novas



dificuldades também foram surgindo, dentre elas, a diminuição da comunicação entre professores e alunos e, conseqüentemente, o enfraquecimento da relação destes.

Contudo, como discute Souza (2020, p. 111):

As teorias e práticas não nos auxiliam apenas a refletir sobre o momento da pandemia, e, em especial, sobre a educação em tempos de COVID-19, mas a produzir, no contexto da educação, outras possibilidades, outros acontecimentos, outros deveres.

Nesta perspectiva otimista, entendemos que é possível uma reinvenção das práticas metodológicas que regem o planejamento das aulas.

Essas novas visões para o ensino por meio das plataformas digitais de comunicação abriram caminhos para se repensar a educação com um outro olhar. Quando, durante as aulas presenciais, o uso de redes sociais e troca de mensagens era estritamente proibido, hoje tornou-se o principal meio de acesso e participação das aulas, o que nos leva a questionar como essas ferramentas de ensino digitais serão usadas na retomada das aulas presenciais.

De acordo com o exposto, acreditamos que os problemas que já existiam na educação persistiram durante o remoto, aos quais se somaram outros. Nesse sentido, urge que haja uma resignificação das práticas docentes, havendo uma horizontalização das relações educacionais e, além do mais, da visão que se tem do uso das TDICs para o ensino. Dificilmente poderemos voltar aos modelos tradicionais que dominavam a escola pública brasileira, e nem o desejamos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educacional. Lei 9394/96. Brasília, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é COVID-19**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>>. Acesso em: 07 de jul. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARCONI, M. A, LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MONTEIRO, S. S. (Re)inventar educação escolar no brasil em tempos da covid-19. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v.25, n. 51, p. 237- 254, jul./out. 2020.

MOREIRA, J. A. M; HENRIQUES, S; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020.

MIRANDA, K. K. C. O. et al. Aulas remotas em tempo de pandemia: desafios e percepções de professores e alunos. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, nº VII, 2020, Maceió. **Anais...** Maceió: Realize, 2020.

PALUDO, E. F. Os desafios da docência em tempos de pandemia. **Em Tese**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 44-53, jul./dez., 2020. Universidade Federal de Santa Catarina.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SOUZA, E. P. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Caderno de Ciências Sociais Aplicadas**, Ano XVII, nº 30, jul./dez., 2020.

REZENDE, J. M. Epidemia, Endemia, Pandemia. Epidemiologia. **Revista de Patologia Tropical. Revista Médica**. Vol. 27(1): 153-155.jan-jun. 1998.

TRINDADE, S. D.; HENRIQUES, S.; CORREIA, J. D. Ensino remoto emergencial na educação básica brasileira e portuguesa: a perspectiva dos docentes. In: **Revista Tempos e Espaços em Educação**. 13(32), nov. 2020. Disponível em: <10.20952/revtee.v13i32.14426>. Acesso em: 25 de mar. de 2021.